

Nedson Moreira Batista

DEUS:

COMO EU TE OBSERVO

VOLUME V

EU TE PERCEBO AQUI

A fonte, o jardim, a tempestade e o trabalho de continuar



Monte Mor - São Paulo - Brasil - 2026

DEUS: COMO EU TE OBSERVO

VOLUME V

EU TE PERCEBO AQUI

A fonte, o jardim, a tempestade e o trabalho de continuar

Nedson Moreira Batista

Monte Mor - São Paulo - Brasil · 2026

DEUS: COMO EU TE OBSERVO

VOLUME V - EU TE PERCEBO AQUI

Nedson Moreira Batista

Este quinto volume nasce de uma sequência de orações e pensamentos em que sentir, observar e perceber se transformam em caminho narrativo. A primeira voz preserva a temperatura da oração em letra cursiva. A segunda retorna depois para distinguir experiência, metáfora, Escritura e afirmação objetiva. A terceira utiliza a Teoria da Compressão da Ignorância e da Perturbação Sistêmica (TCI) apenas onde a formalização acrescenta clareza.

As cenas da montanha, da fonte, da cabana, do bolo, do jardim, da tempestade e os diálogos imaginados com Jesus são construções contemplativas e literárias do autor. Não são apresentados como visão, audição, profecia ou revelação. Sua função é dar forma a sentimentos, perguntas e percepções que nasceram da oração e da leitura bíblica.

Copyright © 2026 Nedson Moreira Batista. Todos os direitos reservados. A TCI é utilizada como lente epistemológica e metodológica. As confissões sobre Deus, Cristo, oração, graça e providência pertencem à fé do autor. As aplicações literárias deste volume não alteram a Versão 16.0 da TCI.

*“Senhor, eu Te percebo.
Eu percebo o Senhor aqui.”*

- Nedson Moreira Batista

As três vozes no Volume V

A VOZ I - PENSAMENTO

é a oração enquanto ainda acontece. Neste volume ela atravessa a montanha, a fonte, a cabana, o bolo, o jardim, a carta e a tempestade. A letra cursiva preserva visualmente a diferença entre a experiência imediata e as vozes que chegam depois. Repetições e interrupções são mantidas quando pertencem ao sentimento.

A VOZ II - O AUTOR

retorna à cena e observa o que eu disse. Distingue metáfora de descrição literal, localiza referências bíblicas, revisa generalizações e procura profundidade sem substituir a oração por explicação. É o mesmo homem, em outro tempo da própria trajetória.

A VOZ III - A TCI

permanece no plano da representação. Usa a Teoria da Compressão da Ignorância e da Perturbação Sistêmica para tratar de Compressão Observacional, Ignorância Residual, Observador como Parte do Sistema, Memória Sistêmica, Persistência Causal e Identidade como Trajetória. A TCI não autentica falas divinas nem transforma a imaginação em revelação.

Prefácio - Quando perceber não significa compreender

Este volume começou com uma pergunta simples: qual é a diferença entre sentir, observar e perceber? A pergunta parecia pequena, mas encontrou uma história que já estava sendo escrita dentro de mim.

Eu me ouvi dizendo a Deus que primeiro O senti, depois comecei a observá-Lo e, em algum momento, passei a perceber Sua presença. A partir daí a montanha do volume anterior voltou. Só que eu não fiquei nela. Desci. Pedi que Deus viesse comigo até uma fonte, imaginei uma cabana perto do rio, preparei um bolo, errei um detalhe na forma, vi o bolo rasgar, saí para mostrar um jardim cheio de flores e, enquanto lia uma carta sobre esperança, uma tempestade atingiu tudo aquilo que eu havia acabado de apresentar.

Nada disso é narrado como revelação. A montanha, a fonte, a cabana, o bolo, o jardim e os diálogos imaginados com Jesus são construções contemplativas. Elas nasceram da oração, da minha memória, da leitura da Bíblia, da minha forma de pensar e da necessidade de dar corpo a sentimentos que, quando permanecem abstratos, às vezes parecem ainda mais difíceis de compreender. A imagem é inventada; aquilo que me leva a construí-la não é fingimento.

As três vozes permanecem. A primeira fala enquanto a experiência ainda está quente. Por isso ela aparece em letra cursiva e preserva repetição, hesitação, perguntas, choro e mudanças de direção. A segunda volta depois. Eu observo aquilo que o homem que orou disse e tento distinguir metáfora, fé, memória, afirmação factual e interpretação. A terceira voz é a TCI. Ela não entra para explicar Deus. Entra para disciplinar meu próprio modelo: lembrar que representação não é realidade, que o observador participa do que representa, que a memória altera respostas e que um estado não contém a trajetória inteira.

Talvez o eixo deste volume seja uma mudança de escala. Começo tentando perceber Deus e termino aprendendo a perceber um jardim depois da chuva. No meio, descubro que uma coisa pequena pode rasgar um bolo inteiro, que a dor pode estreitar os olhos e que um jardim pode continuar sendo o mesmo mesmo depois de perder flores.

Eu não queria um livro em que a tempestade servisse apenas para preparar uma frase bonita sobre crescimento. Algumas tempestades machucam. Algumas perdas permanecem perdas. O que me interessa é outra região: aquilo que fazemos quando a chuva passa e ainda existe alguma coisa para cuidar.

Por isso este livro termina sem terminar. Há poda, trabalho e espera. E há uma promessa literária que faço a mim mesmo, não uma profecia: voltaremos aqui para continuar esta história.

Sumário

PARTE I - SENTIR, OBSERVAR, PERCEBER

- Capítulo 1 - Meu Pai, porque um dia eu Te senti
- Capítulo 2 - Quanto mais eu sei
- Capítulo 3 - Eu Te percebo aqui
- Capítulo 4 - Desce comigo até a fonte

PARTE II - A FONTE E A CABANA

- Capítulo 5 - Vamos fazer um bolo
- Capítulo 6 - O pedaço que ficou na forma
- Capítulo 7 - Quando o silêncio olha para o rasgo
- Capítulo 8 - Ainda há café quente

PARTE III - O JARDIM QUE NÃO COUBE EM LINHAS

- Capítulo 9 - Eu sou exagerado, Pai
- Capítulo 10 - Girassóis, roseiras e orquídeas
- Capítulo 11 - Um jardim que não cabe em linhas
- Capítulo 12 - A carta antes da chuva

PARTE IV - DEPOIS DA CHUVA

- Capítulo 13 - Continue a carta
- Capítulo 14 - Quando eu esqueço as promessas
- Capítulo 15 - Não fazemos outro jardim
- Capítulo 16 - Pode, cuide e espere

Epílogo - Voltaremos aqui

- Caderno conceitual - TCI neste volume
- Referências
- Sobre o autor

PARTE I

SENTIR, OBSERVAR, PERCEBER

Da experiência que atravessa o corpo ao modelo que tenta dar sentido ao que foi vivido.

CAPÍTULO 1

Meu Pai, porque um dia eu Te senti

VOZ I • PENSAMENTO

Senhor Deus, meu Pai.

Meu Pai porque, um dia, eu Te senti. Eu era criança e ainda não sabia colocar quase nada em palavras. Não sabia explicar fé, não conhecia teoria, não sabia o que era um modelo, uma representação ou um espaço observacional. Eu apenas sabia que havia alguma coisa em mim que se inclinava para Ti. Depois comecei a Te observar. Observei a Tua Palavra, as pessoas que falavam do Senhor, os lugares em que Teu nome aparecia, os silêncios em que eu tentava escutar alguma coisa.

Com o tempo, percebi que o Senhor era, para mim, muito maior do que uma pergunta. Também não cabia numa explicação que eu pudesse fechar e guardar. Eu gosto de entender as coisas, Pai. Gosto de procurar causas, relações, fórmulas, caminhos. Ainda assim, quando tento fazer isso contigo, encontro sempre outra região que eu não havia visto.

É curioso. Quanto mais eu estudo, mais aparecem bordas. Quanto mais eu tento me aproximar de uma resposta, mais percebo perguntas que estavam escondidas atrás dela. E não estou dizendo isso para produzir uma frase bonita. É o que me veio agora, enquanto falo contigo.

Talvez eu tenha começado Te sentindo, depois tenha tentado Te observar e, em alguns instantes, tenha aprendido a Te perceber. Não perceber como quem possui o objeto inteiro diante dos olhos. Perceber como quem reconhece uma presença na própria caminhada.

Hoje eu chego assim. Sem uma tese pronta. Sem vontade de vencer uma discussão. Eu só quero conversar. Se a minha fala ficar confusa, recebe a confusão. Se eu repetir palavras, recebe a repetição. E se eu parar no meio porque alguma coisa apertou por dentro, espera um pouco comigo.

Eu ainda estou aprendendo a dizer o que acontece quando a alma reconhece alguma coisa antes de conseguir explicá-la.

VOZ II • O AUTOR

Quando releio esta oração, vejo uma sequência que eu não planejei: sentir, observar, perceber. As três palavras parecem próximas, mas ocupam lugares diferentes na experiência. Sentir é ser atingido por alguma coisa antes de possuir uma explicação suficiente. Observar exige atenção: volto os olhos, comparo, acompanho, registro. Perceber aparece quando aquilo que foi sentido e observado ganha forma dentro de mim.

Essa forma não é necessariamente a realidade inteira. Essa cautela importa muito para mim, especialmente quando escrevo sobre Deus. Eu posso confessar que percebo a presença divina sem transformar essa percepção em instrumento de medição do transcendente. A oração pertence à minha fé; a reflexão precisa reconhecer o limite daquilo que posso afirmar como descrição objetiva.

Há uma continuidade com o volume anterior. Eu terminava pedindo: ensina-me a perceber. Agora me ouço dizendo: eu Te percebo aqui. Não porque eu tenha aprendido uma técnica infalível. A frase nasce de uma relação. Ela tem memória, infância, Escritura, espera, medo, alegria e tudo aquilo que foi acumulado na minha trajetória.

Talvez seja por isso que a oração começa chamando Deus de Pai. Antes da teoria há uma história.

VOZ III • A TCI

A TCI afirma que todo conhecimento depende de uma representação. Na forma canônica, $M = \Phi(R)$: o modelo M é produzido por uma Compressão Observacional da realidade R . A própria teoria também reconhece o papel do observador, escrevendo $M = \Phi(O,R)$.

Neste volume, as palavras sentir, observar e perceber são usadas como distinções fenomenológicas e literárias, não como novos operadores canônicos da TCI. A teoria ajuda em outro ponto: aquilo que o observador representa não equivale à totalidade da realidade.

Assim, a frase "eu Te percebo" descreve um estado do observador e uma confissão de fé. Ela não converte a percepção em acesso integral ao objeto percebido. A disciplina epistemológica permanece: modelo e realidade não são sinônimos.

CAPÍTULO 2

Quanto mais eu sei

VOZ I • PENSAMENTO

Pai, existe uma coisa na minha própria teoria que volta para mim quando penso no Senhor. Quanto mais eu sei de alguma coisa, mais eu consigo perceber a minha própria ignorância. Isso já aconteceu tantas vezes estudando ciência, regulação, sistemas, matemática, pessoas. Eu abro uma porta porque finalmente entendi uma relação e, atrás dela, encontro um corredor inteiro.

Talvez eu tenha passado muitos anos acreditando que conhecer era fechar espaços. Hoje percebo que conhecer também abre. Uma resposta pode acalmar uma pergunta e, ao mesmo tempo, iluminar outras dez que eu nem sabia formular.

Quando isso acontece contigo, Pai, eu fico impressionado. Há coisas da fé que para mim são simples: eu creio em Ti, eu oro, eu peço ajuda, eu agradeço. Mas quando tento explicar tudo, cada palavra parece pequena. Eu digo amor e descubro que não sei medir amor. Digo eternidade e percebo que meu pensamento trabalha dentro do tempo. Digo presença e imediatamente me pergunto o que significa presença para um Deus que não é um corpo sentado numa cadeira diante de mim.

Então eu paro.

Não porque a pergunta tenha perdido valor. Eu paro porque sinto o tamanho dela.

E talvez esse seja um dos momentos em que minha ignorância não me humilha. Ela me coloca no lugar correto. Eu posso continuar estudando, continuar perguntando e, ainda assim, aceitar que uma parte ficará aberta.

Senhor, guarda em mim essa curiosidade. Não deixa a minha fé ter medo de pergunta. Também não deixa a minha inteligência imaginar que toda pergunta precisa ser encerrada para que a vida possa continuar. Eu quero aprender. Eu quero entender o que for possível. E quero ter humildade suficiente para não inventar a parte que falta.

VOZ II • O AUTOR

A palavra ignorância costuma soar como ofensa. Na TCI, ela recebe outro tratamento. Ignorância Residual é uma consequência estrutural de qualquer representação finita. Isso muda a maneira como eu escuto minha própria oração. Admitir limite não significa abandonar conhecimento; significa reconhecer o tipo de conhecimento que possuo.

Na experiência religiosa, essa distinção se torna ainda mais importante. Posso estudar textos, história, filosofia, teologia, linguagem e experiência humana. Tudo isso amplia meu espaço observacional. Nenhum desses movimentos me autoriza a tratar Deus como se fosse um objeto totalmente capturado pelo meu modelo.

Há também uma consequência afetiva. Quando não sei, minha tendência pode ser completar o vazio com medo. Outra vez, posso completá-lo com esperança. As duas coisas são humanas, mas nenhuma delas deve ser apresentada automaticamente como informação sobre o futuro. O que eu sinto diante de X não transforma X em certeza.

Por isso gosto da imagem do corredor. Uma porta aberta não prova que o edifício terminou. Às vezes ela apenas revela que havia muito mais construção depois da parede que eu conhecia.

VOZ III • A TCI

A estrutura central da TCI é explícita: $M = \Phi(R)$, $\dim(M) < \dim(R)$ e $I = R - \Phi(R)$. O modelo preserva propriedades e deixa outras fora de seu espaço representacional.

A teoria também sustenta que a expansão do conhecimento amplia o espaço observacional sem eliminar integralmente a Ignorância Residual. Em linguagem canônica, o crescimento de K com a expansão de Ω não implica $I = 0$.

Aplicado literariamente a este capítulo, o movimento é simples: aprender pode reduzir regiões de ignorância operacional e, ao mesmo tempo, tornar visíveis novas regiões ainda não compreendidas. A TCI não conclui nada sobre a natureza de Deus. Ela apenas impede que o aumento de conhecimento seja confundido com posse da realidade inteira.

CAPÍTULO 3

Eu Te percebo aqui

VOZ I • PENSAMENTO

Se eu estivesse conversando contigo naquela montanha, Senhor, acho que este seria o momento em que eu ficaria um pouco em silêncio.

O sol talvez já estivesse mais baixo. O vento bateria no rosto. Eu olharia para a campina lá embaixo, para os caminhos pequenos vistos de cima, e provavelmente as lágrimas começariam a descer sem que eu tentasse impedir.

Então eu olharia para o Senhor e diria apenas:

Senhor, eu Te percebo.

Eu percebo o Senhor aqui.

Não sei explicar direito o que essa frase quer dizer, Pai. Eu sei que a cena é construída pela minha imaginação. Sei que não estou registrando uma visão nem reproduzindo uma conversa literal. Sou eu dando forma ao desejo de conversar contigo. Mesmo assim, quando escrevo, alguma coisa em mim reconhece essa imagem como verdadeira para o sentimento.

Eu Te senti muitas vezes. Eu Te observei nas Escrituras, nas histórias, nas perguntas que me acompanharam. Agora eu queria dizer que Te percebo na maneira como ainda consigo levantar os olhos, na forma como uma oração continua surgindo mesmo depois de dias difíceis, na vontade que ainda tenho de cuidar, aprender e recomeçar.

Talvez eu chorasse mais um pouco. Não porque tivesse recebido todas as respostas. Eu provavelmente continuaria com as mesmas perguntas dentro de mim.

Mas naquele instante elas poderiam ficar quietas.

Não resolvidas. Quietas.

E eu gostaria de ficar assim por alguns minutos: sem pedir uma explicação, sem apresentar um argumento, sem tentar transformar o céu em quadro, gráfico ou fórmula. Apenas olhando o horizonte e dizendo de novo, baixinho: eu Te percebo aqui.

VOZ II • O AUTOR

A cena da montanha nasceu no Volume IV e retorna agora com uma mudança. Antes eu desejava sentar Deus ao meu lado para conversar. Aqui a imagem ganha movimento interno: o narrador reconhece uma presença.

É importante escrever com precisão. Essa cena é uma metáfora contemplativa. Não afirmo que vi Jesus fisicamente, que ouvi uma voz audível ou que recebi revelação particular. A imagem organiza uma experiência de fé. Ela permite tornar visível, dentro da literatura, algo que na oração existe como desejo, memória e confiança.

Também me chama atenção a frase "não resolvidas; quietas". Há perguntas cuja importância permanece mesmo quando a necessidade de resposta imediata diminui. A pergunta continua existindo, mas sua temperatura muda. Isso não é o mesmo que solucionar o problema. É uma alteração na relação do observador com aquilo que ainda não sabe.

Talvez contemplação seja, em parte, essa possibilidade de permanecer diante de uma pergunta sem obrigá-la a produzir resposta naquele minuto.

VOZ III · A TCI

A TCI descreve o observador como parte do sistema. A representação produzida depende tanto da realidade quanto das características de O: $M = \Phi(O,R)$. Memória, linguagem, trajetória e estado do observador participam da compressão.

Por isso, uma mesma paisagem pode produzir modelos diferentes em momentos diferentes. A montanha do Volume IV e a montanha deste volume não são observacionalmente idênticas, ainda que a imagem literária seja semelhante. O observador já percorreu outra parte da trajetória.

A TCI não valida a presença divina como dado empírico. Ela permite descrever por que uma metáfora pode adquirir significado diferente à medida que O muda. A confissão religiosa permanece na Voz I; a teoria preserva o limite de sua própria linguagem.

CAPÍTULO 4

Desce comigo até a fonte

VOZ I • PENSAMENTO

Senhor, depois de ficar um pouco naquela montanha, eu pediria uma coisa muito simples.

Desce comigo.

Vamos até a fonte.

Eu estou com sede. Hoje, particularmente, a sede está muito grande.

Eu queria beber água devagar, sentir a garganta, lavar o rosto e talvez ficar sentado numa pedra perto do rio. Tenho pensamentos demais passando por mim. Algumas coisas parecem se contradizer. Outras parecem maiores quando eu estou cansado. Há momentos em que a minha própria mente fica cheia de vozes e eu preciso de alguma coisa simples o suficiente para me devolver ao chão.

Água.

Apenas água.

Na metáfora, eu sei que essa água se aproxima daquilo que o Senhor representa para mim: Tua Palavra, Tua história, a memória de que eu não comecei a existir no dia em que apareceu o meu problema mais recente. Eu venho de muito antes. Minha fé também.

Desce comigo, Pai. A estrada pode ser de terra. Eu não tenho pressa agora. Enquanto descemos, eu gostaria de olhar mais para o caminho. Talvez existam flores que eu não vi quando subi preocupado. Talvez existam pássaros. Talvez eu consiga enxergar beleza em lugares que, na subida, eram apenas distância.

Quando chegarmos à fonte, eu quero beber até o corpo entender que recebeu água. Quero descansar ali. Não preciso ficar curado de toda confusão em cinco minutos. Eu só queria que a alma encontrasse um lugar onde pudesse sentar sem se defender de nada.

Depois, quando a sede voltar, eu voltarei também.

Porque provavelmente ela vai voltar.

E eu espero que a fonte continue correndo.

VOZ II • O AUTOR

A água aparece na tradição bíblica com enorme densidade simbólica: sede, vida, purificação, travessia, fonte, rio. Aqui eu não quero transformar cada elemento da paisagem imaginada em alegoria fechada. A água funciona primeiro porque água é necessária. O corpo entende sede sem teologia.

A oração também corrige uma expectativa que eu mesmo poderia criar: beber não significa nunca mais sentir sede em sentido existencial. Há necessidades que retornam. Há cansaços que voltam. Há dias bons seguidos de dias difíceis. A repetição do cuidado não invalida o cuidado anterior.

Isso vale para a oração. Voltar à fonte não significa que a primeira visita falhou. Significa que sou um ser no tempo. Minha trajetória continua, novas perturbações acontecem, meu estado muda. A relação também precisa continuar acontecendo.

Gosto ainda do pedido "desce comigo". Na imaginação, Deus não permanece apenas no lugar alto da contemplação. A presença é convidada para a descida, para a sede, para aquilo que é ordinário.

VOZ III · A TCI

Na TCI, o estado de um sistema varia ao longo do tempo. Uma representação produzida em t1 não é garantia de que o estado em t2 permanecerá idêntico. A trajetória incorpora novos eventos, novas perturbações e novas informações.

O retorno à fonte pode ser lido como metáfora de atualização observacional. O modelo que sustentou O em um momento não elimina a necessidade de novos processos de reorganização.

A teoria não atribui mecanismo causal à oração nem à água simbólica. Ela apenas oferece linguagem para reconhecer que o observador é dinâmico. Cuidado repetido não implica falha anterior; pode ser consequência normal de um sistema que continua vivendo no tempo.

PARTE II

A FONTE E A CABANA

Sede, alimento, pequenos erros e a tentativa de não perder o todo por causa do rasgo.

CAPÍTULO 5

Vamos fazer um bolo

VOZ I • PENSAMENTO

Pai, depois da fonte eu imagino uma cabana perto do rio. Não uma casa grande. Uma cabana simples, com janela aberta, mesa de madeira e uma cozinha pequena. O rio passa perto o suficiente para que a gente escute a água.

E eu Te convido para entrar.

Vamos fazer um bolo.

Eu separo a farinha, os ovos, a manteiga, o açúcar. Procuro algumas frutas para dar cor e sabor. Começo a misturar tudo e presto atenção na massa. Ela muda de textura devagar. Eu mexo mais um pouco, observo se está pesada demais, penso no fermento, provo um pouco da mistura e rio de mim mesmo porque provavelmente não deveria ter provado antes de terminar.

Eu gosto dessa cena, Senhor, porque ela não tem nada de grandioso. Não existe plateia. Ninguém está avaliando minha oração. Ninguém precisa saber que estou ali. É só uma tarde, uma cozinha e uma conversa.

Enquanto preparo a massa, eu talvez fale de coisas pequenas. Contaria alguma lembrança da infância. Falaria de uma música. Perguntaria se o Senhor acha que coloquei açúcar demais, mesmo sabendo que essa pergunta pertence à brincadeira da minha imaginação.

Depois eu preparo a forma.

Ou acho que preparo.

Passo manteiga, olho rapidamente, continuo. Parece suficiente. A massa está bonita e eu estou satisfeito com o trabalho. Despejo tudo, levo ao forno e fico olhando pela pequena janela.

O bolo cresce. O cheiro começa a ocupar a cabana.

Por alguns minutos eu sinto que fiz tudo certo.

E talvez seja exatamente aí que começa a parte da história que eu queria Te contar.

VOZ II • O AUTOR

A metáfora do bolo me interessa porque desloca o problema da escala. Muitas dores não nascem de decisões gigantescas. Às vezes o que muda uma sequência inteira é um detalhe: uma omissão, um atraso, uma palavra, um ponto que não foi verificado.

Também existe algo de profundamente humano em preparar alguma coisa para receber alguém. A comida é cuidado material. Ela ocupa tempo, mãos, atenção. Na oração, a cabana funciona como contraponto à montanha: saio da contemplação ampla e entro na vida doméstica.

Essa mudança é importante para a narrativa. Se a fé só funciona em paisagens extraordinárias, ela fica distante demais da vida. Eu preciso saber o que acontece com minha relação com Deus quando estou diante de uma pia, uma forma, uma receita e um erro pequeno que ainda nem percebi.

A cena não pretende dizer que Deus se sentou fisicamente à mesa. Ela é um recurso literário para aproximar presença, intimidade e cotidiano.

VOZ III · A TCI

A preparação do bolo pode ser tratada como um sistema composto por estados, variáveis e dependências. Uma representação operacional do processo seleciona propriedades consideradas relevantes: ingredientes, proporções, temperatura, tempo, preparo da forma.

Nenhum operador conhece automaticamente todas as condições reais do sistema. O modelo de execução é uma compressão. Ele pode ser suficientemente bom e ainda deixar uma variável relevante fora da atenção.

A TCI não transforma cozinha em experimento epistemológico. A metáfora apenas ilustra uma propriedade geral: modelos úteis continuam parciais. O fato de muitas variáveis estarem corretas não garante que uma variável omitida seja causalmente irrelevante.

CAPÍTULO 6

O pedaço que ficou na forma

VOZ I • PENSAMENTO

Quando tiro o bolo do forno, Senhor, ele está lindo. Cresceu. A parte de cima ganhou cor. O cheiro é bom e por alguns segundos eu fico contente.

Então chega a hora de desenformar.

Eu viro a forma.

E uma parte não solta.

É justamente aquele pequeno espaço que eu não untei direito. Talvez um canto entre a lateral e o fundo. Uma região pequena, quase ridícula quando comparada ao tamanho da forma inteira. Mas a massa agarrou ali. Quando eu puxo, o bolo rasga. Um pedaço fica preso. O restante cai no prato com um corte profundo.

Eu olho e sinto uma tristeza desproporcional ao tamanho do erro.

Era um detalhe, Pai.

Uma coisa pequena.

E produziu um rasgo grande.

É assim que me sinto em alguns momentos da vida. Eu tento fazer tudo certo. Verifico, organizo, trabalho, penso, oro, espero. Depois descubro que alguma coisa passou. Às vezes nem sei se eu tinha condições de perceber antes. E aquela pequena região começa a ocupar meus olhos como se o restante tivesse desaparecido.

Eu sei que o bolo ainda existe. Consigo ver. Está quase inteiro. Mas meus olhos voltam para o pedaço quebrado.

Talvez eu fique em silêncio nessa hora.

Não por falta de palavras.

Por excesso.

Algumas feridas ficam tão próximas de nós que qualquer explicação parece pequena demais. Eu só olho para o corte e penso: era tão pouco. Como uma coisa tão pequena conseguiu machucar tanto?

VOZ II • O AUTOR

A relação entre magnitude do evento e magnitude do efeito não é linear em muitos sistemas. Um evento aparentemente pequeno pode incidir sobre um ponto de alta sensibilidade, sobre uma estrutura já tensionada ou sobre algo que possui grande valor para o observador.

Por isso, chamar uma causa de "pequena" não significa chamar o sofrimento de pequeno. O detalhe da forma é pequeno em extensão física, mas sua posição interfere no momento de desenformar. A consequência aparece depois, quando o processo exige separação.

Na vida, também existem efeitos retardados. Uma palavra pode ser ouvida num dia e ganhar peso depois. Uma ausência pode parecer administrável até encontrar outra perda. Uma falha pode permanecer invisível enquanto o sistema está estável e aparecer quando ocorre uma transição.

O cuidado aqui é não converter a metáfora em explicação universal. Nem toda dor vem de um único detalhe identificável. Às vezes não existe um ponto simples que, corrigido, devolveria tudo ao estado anterior. A imagem serve para dizer outra coisa: não devemos medir a importância de uma perturbação apenas pelo tamanho aparente do evento que a iniciou.

VOZ III · A TCI

A TCI descreve Perturbação Sistêmica como alteração capaz de modificar estado ou trajetória. A própria versão 16 ressalta que o efeito de uma perturbação depende da estrutura, conectividade e memória acumulada do sistema.

Isso permite compreender por que perturbações de pequena magnitude podem produzir efeitos grandes em sistemas historicamente fragilizados ou altamente sensíveis naquele ponto.

Neste capítulo, o pedaço preso à forma funciona como metáfora dessa assimetria. Não há uma equivalência quantitativa entre o tamanho visual do detalhe e a importância de seu efeito no modelo do observador. A trajetória participa da resposta.

CAPÍTULO 7

Quando o silêncio olha para o rasgo

VOZ I • PENSAMENTO

Pai, há momentos em que a única coisa possível é o silêncio.

Eu olho para o bolo quebrado e não quero ouvir uma explicação sobre como poderia ter evitado. Talvez depois eu queira. Agora não. Agora eu só queria alguns minutos em que ninguém tentasse transformar o rasgo em lição.

A janela continua aberta. O vento entra. O rio continua passando. Há luz lá fora. A cabana é agradável. A mesa está limpa. Tudo isso continua verdadeiro.

E o bolo está quebrado.

Isso também continua verdadeiro.

Talvez seja difícil porque eu tenho tendência a querer organizar as coisas rapidamente. Se alguma coisa dói, eu procuro a causa. Se encontro a causa, procuro uma resposta. Se encontro a resposta, quero construir uma solução. Só que existem momentos em que o sentimento chega antes de qualquer capacidade de organizar.

Então eu queria que o Senhor simplesmente ficasse.

Sem discurso.

Eu sentaria na cadeira e olharia pela janela. Talvez ouvisse a água. Talvez respirasse um pouco mais devagar.

E, se eu chorasse, não precisaria explicar por que aquele pedaço do bolo me fez lembrar de tantas outras coisas.

O Senhor saberia que o problema não era confeitaria.

Era o rasgo.

Era a sensação de ter cuidado de quase tudo e descobrir que o quase ainda podia doer.

VOZ II • O AUTOR

Há uma violência sutil em transformar toda dor imediatamente em aprendizado. A reflexão tem seu tempo, mas o sofrimento não precisa justificar sua existência produzindo uma lição na mesma hora.

Isso vale também para este livro. A segunda e a terceira voz chegam depois. Elas não devem invadir a primeira voz enquanto ela ainda está chorando. Essa arquitetura das três vozes existe justamente para preservar tempos diferentes: viver, voltar, formalizar.

O silêncio do capítulo não é vazio. Ele registra que a linguagem pode ficar aquém da experiência. Também impede uma espécie de produtividade emocional em que cada ferida precisa gerar uma frase útil.

Há dias em que o gesto mais digno é sentar perto do que doeu sem fingir que já sabemos o que fazer com aquilo.

VOZ III • A TCI

Uma representação linguística é um modelo da experiência, não a experiência integral. A própria TCI sustenta que toda representação preserva algumas propriedades e deixa outras fora.

Neste volume, o silêncio aparece como reconhecimento desse limite. Ele não fornece acesso privilegiado à realidade, nem é tratado como evidência espiritual específica. Apenas marca um ponto em que M_linguístico é insuficiente para representar o estado vivido.

A ausência de uma descrição completa não implica ausência de experiência. O sistema pode estar profundamente perturbado mesmo quando o observador ainda não consegue organizar verbalmente as propriedades relevantes.

CAPÍTULO 8

Ainda há café quente

VOZ I • PENSAMENTO

Depois de algum tempo, Senhor, eu olho outra vez para a mesa.

O bolo não saiu inteiro da forma. Isso não mudou. Mas existe café quente. A cabana continua limpa. A cadeira que eu preparei ainda está ali. O rio não parou porque eu errei um pedaço da manteiga.

Então eu penso: eu não quero que esse detalhe seja tão grande dentro de mim a ponto de eu não conseguir receber bem a minha visita.

E a minha visita é o Senhor.

Eu queria dizer: senta, Pai. Vamos tomar café.

Talvez eu coloque o bolo no prato mesmo quebrado. Talvez eu arrume o pedaço ao lado. Talvez ele não pareça tão bonito quanto eu imaginei quando comecei a receita, mas ainda tem cheiro, sabor, frutas, açúcar, trabalho, tempo.

Ainda é o bolo que eu fiz.

Eu não quero negar o rasgo. Também não quero que ele se transforme na única coisa que meus olhos conseguem enxergar.

Senta comigo.

Eu quero conversar.

A vida continua acontecendo ao redor dessa mesa. Há água no rio. Há vento entrando. Há alguma coisa viva lá fora. E eu ainda tenho vontade de repartir o que ficou.

Talvez hoje eu aprenda uma coisa simples: nem tudo que perde a forma perde o valor.

O bolo quebrou.

O café continua quente.

VOZ II • O AUTOR

Atenção seleciona. Quando algo nos atinge, ele pode ganhar peso desproporcional dentro do modelo consciente. Isso não significa que o restante desapareceu; significa que certas propriedades passaram a dominar a representação.

No Volume IV eu já havia trabalhado a diferença entre aquilo que está acessível e aquilo que recebe atenção efetiva. Aqui a ideia retorna de forma doméstica. O rasgo é real. O café também. A perda é real. A presença de outras coisas boas também.

Não quero usar essa imagem para mandar alguém "ver o lado bom" enquanto sofre. Isso seria uma simplificação cruel. O movimento é mais delicado: quando for possível, ampliar novamente o campo. Permitir que o dano permaneça visível sem monopolizar todas as dimensões da realidade.

Talvez esperança tenha também essa tarefa perceptiva: devolver largura ao mundo depois que a dor estreitou o enquadramento.

VOZ III • A TCI

A Compressão Observacional envolve seleção de propriedades. Uma perturbação relevante pode reorganizar pesos atencionais dentro do modelo produzido pelo observador.

Em linguagem exploratória, a região representacional ocupada pelo dano pode crescer sem que a realidade externa tenha se reduzido a esse dano. A TCI não fornece aqui uma métrica psicológica; a aplicação é filosófica.

A disciplina sugerida é lembrar que proeminência no modelo não equivale a totalidade de R. O pedaço quebrado pertence ao sistema observado, mas não esgota o sistema.

PARTE III

O JARDIM QUE NÃO COUBE EM LINHAS

Flores diferentes, beleza desordenada, uma carta e a tempestade que chega sem pedir licença.

CAPÍTULO 9

Eu sou exagerado, Pai

VOZ I • PENSAMENTO

Quando saímos da cabana, Senhor, eu quero Te mostrar o quintal.

Eu tive medo de que ele ficasse pobre e comecei a plantar. Só que eu não sei fazer pouca coisa quando alguma coisa me encanta.

Eu sou exagerado, Pai.

Plantei roseiras. Depois achei que faltavam outras cores. Procurei lírios. Vi orquídeas e trouxe algumas. Encontrei cravos. Coloquei folhagens. Vi girassóis e pensei que um jardim sem girassol talvez estivesse perdendo uma conversa inteira com a luz.

Quando percebi, já não havia um projeto muito claro. Havia plantas. Muitas.

Algumas estão perto demais. Outras nasceram num lugar em que eu não esperava. Algumas cores combinam; outras parecem discutir. Existem espinhos perto de flores delicadas. Há folhas caídas que eu ainda não recolhi. Um canto recebe mais sol, outro fica úmido.

Mas olha, Pai.

Está lindo.

Elas parecem conversar entre si.

Eu gosto de andar aqui porque cada parte me chama de um jeito. Talvez um jardineiro muito organizado fizesse diferente. Talvez eu mesmo fizesse diferente se começasse hoje. Só que este jardim existe porque fui plantando enquanto vivia.

Se eu tivesse esperado conhecer o lugar perfeito para cada espécie, preparar todos os climas, desenhar cada espaço e garantir que nada sairia do controle, talvez eu ainda estivesse com o quintal vazio e um projeto impecável na mão.

Eu prefiro isto.

Um pouco atrapalhado.

Mas vivo.

VOZ II • O AUTOR

Este capítulo fala de uma tensão que reconheço em mim: desejo de organização e desejo de vida. Organização é valiosa. Planejamento evita perdas, distribui recursos, antecipa problemas. Eu trabalho profissionalmente com sistemas em que esse rigor é necessário.

Ainda assim, a vida pessoal não se comporta como um processo industrial integralmente controlável. Algumas relações chegam fora do cronograma. Interesses aparecem em momentos inesperados. Aprendizados nascem de caminhos que pareciam laterais. Uma trajetória pode adquirir coerência depois, sem ter sido desenhada inteira no começo.

O jardim não celebra descuido. Ele celebra a possibilidade de que diversidade e irregularidade também tenham forma. Há uma diferença entre desordem destrutiva e complexidade viva. Nem toda assimetria é defeito.

Quando digo que sou exagerado, reconheço meu próprio modo de construir: acumulo áreas, perguntas, projetos, afetos, símbolos. Às vezes isso me dispersa. Outras vezes é justamente dessa variedade que surgem conexões que eu não teria planejado.

VOZ III · A TCI

Sistemas complexos podem apresentar organização sem uniformidade. A TCI é especialmente sensível ao problema da redução: um modelo excessivamente simples pode perder propriedades relevantes precisamente ao tentar tornar o sistema mais ordenado.

A metáfora do jardim permite distinguir compressão útil de simplificação empobrecedora. Um mapa de canteiros pode ajudar no cuidado, mas não substitui o jardim real.

A trajetória observacional também importa. O arranjo atual é resultado de decisões sucessivas, contingências e adaptações. O estado presente $S(t)$ carrega marcas de uma história que não pode ser reconstruída apenas olhando uma fotografia do quintal.

CAPÍTULO 10

Girassóis, roseiras e orquídeas

VOZ I • PENSAMENTO

Pai, eu quero Te mostrar algumas delas de perto.

Os girassóis primeiro. Eu gosto deles porque parecem ter uma relação teimosa com a luz. Eu sei que a natureza é mais complexa do que a imagem simples que fazemos do girassol acompanhando o sol o tempo inteiro, mas a metáfora continua bonita para mim. Eles me lembram direção.

Depois vêm as roseiras.

As rosas me dizem outra coisa. Algumas são vermelhas, outras amarelas, outras claras. Na minha imaginação eu até invento algumas azuis e verdes, porque aqui eu posso deixar o jardim carregar cores que talvez eu não encontrasse do mesmo modo num campo real.

E há espinhos.

Isso importa.

A roseira não deixa de ser bonita porque me obriga a aproximar a mão com cuidado. É como se ela dissesse: olha aqui. Existe beleza, mas percebe também a forma como você chega perto.

As orquídeas foram mais difíceis. Eu caminhei bastante para encontrá-las. Roxas, brancas, amarelas. Quando finalmente consegui algumas, fiquei olhando como quem encontra algo delicado depois de muita procura.

Talvez o meu jardim seja isso, Senhor: uma coleção das coisas que fui encontrando enquanto andava.

Algumas vieram de perto.

Outras exigiram caminho.

Algumas cresceram rápido.

Outras parecem pedir uma paciência que eu ainda estou aprendendo.

Eu queria Te mostrar todas porque, de algum modo, cada uma guarda uma parte do caminho que fiz para chegar até aqui.

VOZ II • O AUTOR

As flores funcionam como objetos de percepção. Eu não as utilizo como símbolos rígidos, em que cada espécie corresponderia a uma única verdade. O mesmo girassol pode representar direção para mim e outra coisa para outro observador. A roseira pode lembrar beleza e cuidado; para outra pessoa, pode lembrar alguém, uma casa, um luto.

Isso interessa à TCI e à literatura. O objeto observado participa da representação, mas a trajetória do observador também. Significado não nasce apenas da propriedade física da flor; nasce da relação entre aquilo que está diante de mim e aquilo que eu carrego ao olhar.

Por isso eu não quero escrever um dicionário do jardim. Quero caminhar nele. A metáfora permanece viva porque não fecha todas as interpretações.

Também preservo a fantasia das rosas azuis e verdes como fantasia. Não preciso transformar imaginação em botânica para que a imagem tenha valor poético.

VOZ III · A TCI

A Relatividade Observacional da TCI estabelece que diferentes observadores podem produzir compressões distintas do mesmo sistema: $\Phi_1(R) \neq \Phi_2(R)$ não implica, por si só, erro. Cada representação pode preservar propriedades diferentes.

Neste capítulo, o significado atribuído às flores é uma camada construída pelo observador. Ele não é apresentado como propriedade universal da espécie vegetal.

A metáfora é, portanto, uma compressão orientada por trajetória. Ela preserva algumas relações afetivas e perde inúmeras propriedades botânicas. Isso não a torna inútil; apenas define seu domínio de validade.

CAPÍTULO 11

Um jardim que não cabe em linhas

VOZ I • PENSAMENTO

Olha daqui, Pai.

Se a gente caminhar alguns passos para trás, dá para ver quase tudo. É engraçado porque, visto de longe, parece que existe uma ordem. De perto, eu sei que não é bem assim.

Há galhos atravessando caminhos. Tem uma flor que cresceu para o lado errado. Tem uma área mais cheia e outra em que a terra ainda aparece. Algumas folhas se misturaram de tal maneira que eu já nem sei onde termina uma planta e começa a outra.

Eu poderia passar dias tentando colocar tudo em linhas.

Só que existe alguma coisa nessa mistura que me comove.

É assim que muitas vezes percebo minha vida. Há estudo, trabalho, fé, família, projetos, dores, lembranças, músicas, perguntas, coisas que comecei e ainda não terminei. Nem sempre cada parte fica no canteiro que eu havia imaginado.

Às vezes eu gostaria de conseguir organizar tudo antes de viver.

Mas a vida não esperou.

Ela foi crescendo.

Talvez por isso eu tenha tanto carinho por esse jardim. Ele não se parece com um catálogo. Parece comigo.

Pai, me ajuda a cuidar sem querer arrancar tudo o que não ficou simétrico. Me ajuda a saber a diferença entre aquilo que precisa realmente ser corrigido e aquilo que apenas não ficou do jeito que eu desenharia numa folha de papel.

Eu quero continuar aprendendo a perceber beleza sem exigir perfeição para reconhecê-la.

VOZ II • O AUTOR

Existe uma diferença importante entre organização e totalização. Organizar é criar relações úteis, reduzir ruído, facilitar cuidado. Totalizar é imaginar que o esquema produzido esgota o objeto.

Talvez parte do sofrimento venha quando tratamos o desenho como dívida da realidade. Eu planejo uma forma e, quando a vida não corresponde a ela, interpreto toda diferença como falha. Algumas diferenças são falhas de fato e exigem ação. Outras são apenas sinais de que o real possui mais variáveis do que o projeto antecipou.

Na minha trajetória, isso aparece com frequência. Eu gosto de estrutura, mas também vivo atravessado por muitos domínios. A tentativa de transformar tudo em uma narrativa perfeitamente linear produziria um personagem mais simples do que a pessoa que realmente viveu.

O jardim me permite aceitar uma biografia com curvas sem transformar cada curva em defeito.

VOZ III • A TCI

A TCI afirma que toda compressão reduz dimensionalidade: $\dim(M) < \dim(R)$. Um plano de jardim, uma cronologia ou uma autobiografia são modelos. Eles tornam o sistema comunicável, mas deixam propriedades de fora.

A Distância Metalinguística também ajuda a compreender por que o mesmo percurso pode ser descrito de maneiras diferentes: linguagem religiosa, psicológica, jurídica, científica ou literária seleciona propriedades distintas.

Nenhuma dessas linguagens deve reivindicar, automaticamente, equivalência com a totalidade da trajetória. O modelo organiza; a realidade excede a organização.

CAPÍTULO 12

A carta antes da chuva

VOZ I • PENSAMENTO

Senhor, ainda tem uma coisa que eu não mostrei.

Está guardada dentro da cabana.

É uma carta.

Eu quase nunca mostro esse tipo de coisa porque, quando escrevo certas palavras, parece que entrego uma parte muito exposta de mim. Mas hoje eu quero ler para o Senhor.

Antes de entrar, olho para o céu. O tempo mudou. As nuvens estão mais pesadas e o vento ficou diferente. Acho que vai chover. Talvez chova bastante.

Mesmo assim, entramos. Eu pego a carta, sento e começo.

"Senhor, eu não queria ser uma pessoa sem noção, sem educação ou sem percepção da realidade. Eu não queria perder o senso das coisas. Às vezes eu estou indo bem. Trabalho, penso, estudo, converso, faço planos. Então alguma coisa acontece. Um gatilho. Uma lembrança, uma palavra, uma notícia, uma imagem, alguma coisa que encontra um lugar sensível dentro de mim.

E eu fico profundamente triste.

Quando isso acontece, parece que meus olhos diminuem. Eu deixo de perceber as flores. Deixo de perceber o jardim, o rio, a campina. Esqueço o motivo, a razão, o sentido. Esqueço promessas que, em outros dias, pareciam tão próximas."

Eu paro.

Lá fora começa a chover.

Primeiro fraco.

Depois forte.

Muito forte.

E eu não sei ainda que essa carta vai precisar ser lida enquanto o jardim estiver sendo atingido.

VOZ II • O AUTOR

A carta introduz outro nível narrativo. Há a oração, há a cena imaginada e, dentro dela, há um texto que o narrador escreveu para Deus. Essa dobra importa porque mostra como tentamos construir distância de nós mesmos. Escrever uma carta permite observar depois aquilo que, no momento da emoção, parece ocupar tudo.

Uso a palavra "gatilho" aqui no sentido comum: um acontecimento que reativa lembranças, afetos ou pensamentos e muda rapidamente o estado do observador. Não estou formulando diagnóstico clínico.

O que mais me chama atenção é a frase "meus olhos diminuem". Não é uma descrição anatômica; é uma descrição perceptiva. A realidade continua ampla, mas o campo efetivamente representado fica estreito. Isso prepara o capítulo seguinte, em que a tempestade do lado de fora encontra a tempestade que a carta já descrevia por dentro.

A chuva ainda não é explicada. Ela simplesmente chega.

VOZ III · A TCI

A Memória Sistêmica, na TCI, descreve modificações históricas capazes de influenciar respostas futuras. Um evento atual pode produzir efeito diferente em dois sistemas porque suas trajetórias anteriores não são equivalentes.

Isso oferece linguagem para o "gatilho" sem reduzir a experiência a uma causa simples. O evento E atual interage com um sistema cuja memória e trajetória já foram modificadas por eventos anteriores.

O estreitamento perceptivo é tratado aqui de forma exploratória: uma perturbação pode reorganizar o modelo consciente, aumentando o peso de determinadas propriedades e reduzindo a presença de outras. A teoria não quantifica esse processo neste livro.

PARTE IV

DEPOIS DA CHUVA

Perda, cuidado, poda, espera e a decisão de continuar no mesmo jardim.

CAPÍTULO 13

Continue a carta

VOZ I • PENSAMENTO

A chuva aumenta de repente.

Eu escuto o vento e me levanto da cadeira. Corro até a janela.

O jardim está sendo atingido com força. Galhos se dobram. Pétalas voam. Algumas plantas tombam. A água bate na terra e levanta pequenas correntes onde antes havia caminho.

Eu sinto desespero.

Na construção imaginativa desta oração, Jesus está dentro da cabana comigo. Eu não apresento esta cena como visão ou revelação. É a maneira que encontrei de dar corpo a uma conversa interior formada pela fé, pelas Escrituras e pelaquilo que eu desejo ouvir quando tudo parece sair do lugar.

E nessa imagem eu escuto:

- Calma. Continue a carta.

Eu olho para Ele.

- Mas o Senhor não está vendo o que aconteceu lá fora? O meu jardim está sendo destruído.

- Continue a carta.

- O Senhor não está entendendo a gravidade? Eu andei tanto para encontrar aquelas flores. Há coisas ali que eu amo.

- Continue.

Eu não quero continuar.

Quero ficar na janela olhando o estrago. Quero fazer alguma coisa imediatamente, mesmo sem saber o quê. Quero sair no meio da chuva, levantar cada planta com a mão e impedir que a água toque em qualquer coisa que eu havia cuidado.

Mas volto para a cadeira.

Minhas mãos estão inquietas.

Pego a carta.

Lá fora, a tempestade continua.

E eu continuo lendo.

VOZ II • O AUTOR

Este é o trecho em que a distinção entre metáfora e revelação precisa ficar mais explícita. A fala atribuída a Jesus é uma composição literária do autor. Ela não reivindica autoridade profética nem pretende acrescentar palavras às Escrituras.

Por que, então, escrever diálogo? Porque certas experiências são relacionais. A frase "continue a carta" concentra uma tensão que eu reconheço: quando algo acontece, minha atenção corre para a janela. O acontecimento externo se torna tão dominante que interrompe o processo de lembrar aquilo que eu mesmo havia escrito em estado mais estável.

Continuar a leitura não significa ignorar o jardim. A tempestade existe. O dano precisa ser visto. A ordem imaginada apenas adia a reação por alguns minutos, o suficiente para que o narrador recupere uma parte do próprio modelo que a perturbação havia expulsado da atenção.

Às vezes, antes de agir, eu preciso lembrar quem eu era cinco minutos antes da notícia.

VOZ III · A TCI

A Persistência Causal e a Memória Sistêmica ajudam a explicar por que uma perturbação atual pode reorganizar rapidamente o estado do observador. A trajetória permanece ativa na resposta.

Ao mesmo tempo, a própria trajetória pode fornecer recursos de estabilização. Registros anteriores - uma carta, uma oração, uma anotação - funcionam como modelos produzidos em outros estados observacionais. Eles não são automaticamente mais verdadeiros, mas podem ampliar o conjunto de propriedades disponíveis no momento de alta perturbação.

A TCI não prescreve "continuar a carta" como técnica universal. A cena demonstra literariamente que modelos construídos em tempos diferentes podem dialogar dentro da trajetória do mesmo observador.

CAPÍTULO 14

Quando eu esqueço as promessas

VOZ I • PENSAMENTO

Eu continuo lendo.

"Pai, quando esses gatilhos vêm, eu esqueço.

Esqueço da Tua Palavra dizendo que o Senhor estaria comigo. Esqueço das passagens que me acompanharam durante anos. Esqueço das águas, do fogo, das forças que se renovam, da águia, do homem tirado de um lugar de lama. Esqueço que Cristo conhece a dor.

Eu não estou dizendo que essas passagens prometem que nenhuma coisa ruim vai acontecer comigo. A própria Bíblia está cheia de gente atravessando dor. Mas, em dias bons, elas me ajudam a lembrar que sofrimento e abandono não são necessariamente a mesma coisa.

Quando eu fico muito triste, tudo isso parece distante.

Eu entro em desespero, Senhor. Às vezes penso que não vou encontrar solução. Às vezes falo contigo como alguém ferido e digo coisas que, depois, eu mesmo preciso escutar com cuidado: 'O Senhor não deve me amar. Por que tanta tristeza? Por que tanta dor?'

Essas frases saem de um lugar apertado.

Eu escrevi esta carta justamente para me lembrar disso.

Quando eu disser que o Senhor me odeia, eu quero lembrar que essa frase não contém tudo o que acredito. Ela contém o que eu consigo dizer quando a dor ocupa espaço demais.

Porque ainda existe esperança em mim.

Eu ainda acredito que Jesus Cristo vai me ajudar. Ainda acredito que haverá providência. Ainda acredito que dificuldades podem ser atravessadas. Não preciso fingir que deixarão de existir para acreditar que posso chegar ao outro lado de algumas delas.

E quando eu não conseguir lembrar sozinho, Pai, eu vou abrir esta carta."

Eu paro novamente.

A chuva está diminuindo.

VOZ II • O AUTOR

A oração mistura várias imagens bíblicas que merecem ser localizadas com cuidado. A presença "todos os dias" remete a Mateus 28:20. A travessia por águas e fogo aparece em Isaías 43:2. A renovação de forças e a imagem da águia estão em Isaías 40:31. A linguagem sobre carregar dores aparece em Isaías 53 e é retomada no Novo Testamento. O "charco de lodo" pertence ao Salmo 40.

Não preciso fundir todas essas passagens numa promessa individual de resultado específico. Elas funcionam, na oração, como memória de uma tradição que me ensinou a interpretar sofrimento sem concluir imediatamente que fui abandonado por Deus.

Também é importante preservar a honestidade da frase dura: "o Senhor não deve me amar". Eu não a trato como teologia final. É linguagem de aflição. Os salmos oferecem espaço para palavras intensas sem exigir que cada uma delas seja convertida em proposição doutrinária.

A carta tem essa função: permitir que um estado posterior converse com o estado anterior. A esperança não apaga o desespero; ela impede que o desespero seja o único documento disponível sobre a minha própria fé.

VOZ III · A TCI

A trajetória observacional é formulada na TCI como $T(t) = \int K(t)dt$. A identidade observacional pode ser compreendida em função dessa trajetória acumulada. Um estado instantâneo, portanto, não esgota o sistema.

Aplicado a este capítulo: a frase pronunciada em crise pertence à trajetória, mas não equivale à totalidade da identidade religiosa do observador. Do mesmo modo, uma oração de confiança não apaga estados reais de medo.

A Memória Sistêmica ajuda a preservar essa multiplicidade temporal. Registros, textos e lembranças podem reintroduzir no modelo atual propriedades que uma perturbação tornou momentaneamente pouco acessíveis.

Estado presente $\neq$ trajetória inteira.

CAPÍTULO 15

Não fazemos outro jardim

VOZ I • PENSAMENTO

Termino a carta.

Por alguns segundos fica apenas o som da água caindo mais fraca no telhado.

Então, dentro da cena que imagino, Jesus se levanta. Abre a porta e faz um gesto para que eu vá com Ele.

Saímos.

O jardim está machucado.

De perto, a tempestade parece ainda pior. Há galhos no chão, pétalas grudadas na terra, plantas dobradas, folhas rasgadas. Um dos girassóis quase encosta no chão. Uma roseira perdeu parte dos galhos novos.

Eu sinto vontade de chorar de novo.

Ele me entrega uma pequena pá e uma tesoura de poda. Pega outra tesoura.

E começa.

Não acontece milagre diante dos meus olhos. As flores não se levantam todas ao mesmo tempo. O jardim não volta, em segundos, à imagem que tinha antes da chuva.

Nós trabalhamos.

Cortamos um galho quebrado. Amarramos outro. Retiramos folhas que não vão se recuperar. Limpamos um caminho. Endireitamos uma planta.

Uma por uma.

Em algum momento percebo uma coisa que me toca profundamente: nós não estamos fazendo outro jardim.

Estamos cuidando do mesmo.

Do mesmo que foi bonito antes.

Do mesmo que foi atingido.

Do mesmo que agora carrega marcas da chuva.

Eu olho para as mãos sujas de terra e penso que talvez algumas partes da vida sejam assim. Nem sempre existe uma substituição. Às vezes existe cuidado.

E cuidado pode dar trabalho.

VOZ II • O AUTOR

"Não fazemos outro jardim. Cuidamos do mesmo." Talvez seja a frase estrutural deste volume. Ela protege a narrativa de uma solução fácil. A tempestade não é desfeita retroativamente. O jardim depois da chuva não é idêntico ao jardim anterior.

Há perdas irreversíveis. Uma flor quebrada pode não voltar ao mesmo estado. Um galho podado deixa marca. Algumas coisas precisam nascer outra vez e outras não voltam. Cuidar do mesmo jardim não significa restaurar cada detalhe exatamente como era. Significa reconhecer continuidade de identidade apesar da transformação.

Essa ideia também evita romantizar sofrimento. A chuva não é chamada de boa só porque a água também é necessária à vida. Há tempestades que machucam. O fato de uma mesma classe de fenômeno poder ser vital em uma condição e destrutiva em outra impede julgamentos simplistas.

O trabalho começa depois da chuva: olhar, distinguir o que pode ser salvo, o que precisa ser podado, o que deve ser retirado e o que só o tempo poderá responder.

VOZ III • A TCI

A Identidade como Trajetória Observacional oferece uma leitura direta para a continuidade do jardim. O estado $S(t_2)$, depois da tempestade, difere de $S(t_1)$, mas ambos pertencem à mesma trajetória T .

$T(t) = \int K(t)dt$, na formalização da TCI, lembra que a compreensão de um sistema depende de sua história acumulada. A identidade não se reduz a uma fotografia instantânea.

A Persistência Causal também aparece: efeitos da tempestade continuam depois que a chuva termina. Reparação não equivale a retorno instantâneo ao estado anterior.

A metáfora não afirma que todo sistema deve ser preservado. Há situações em que sair, encerrar ou substituir é necessário. Aqui o jardim representa especificamente aquilo que o narrador ainda deseja cuidar.

CAPÍTULO 16

Pode, cuide e espere

VOZ I • PENSAMENTO

Continuamos trabalhando.

A terra está molhada e gruda nos sapatos. O sol começa a aparecer entre as nuvens, mas não há nenhuma pressa nele. A luz simplesmente volta.

Dentro da minha imaginação, eu olho para Jesus e digo:

- E agora?

A resposta que construo a partir daquilo que aprendi nas Escrituras, na vida e nesta própria oração é simples:

- Agora cuide.

Então eu corto o que precisa ser cortado. Junto o que caiu. Coloco apoio onde uma planta ficou fraca. Abro um pequeno caminho para a água não ficar acumulada.

Depois chega a parte mais difícil.

Esperar.

Eu gosto de fazer. Esperar parece não produzir nada visível. Eu queria puxar o broto para que crescesse mais rápido. Queria abrir a flor com os dedos. Queria acordar no dia seguinte e encontrar o jardim exatamente como estava antes.

Mas isso mataria justamente aquilo que estou tentando cuidar.

Então eu preciso aprender a não confundir cuidado com controle.

Posso regar.

Posso podar.

Posso proteger.

Posso observar.

Posso procurar ajuda quando não souber.

E depois há uma parte que acontece sem obedecer à minha ansiedade.

O tempo.

Pai, enquanto eu espero, fica comigo. Vamos voltar à fonte quando a sede vier. Vamos entrar na cabana. Talvez façamos outro bolo e, dessa vez, eu olhe a forma com mais atenção. Vamos andar pelo jardim mesmo quando ele ainda estiver se recuperando.

Eu não quero adiar a vida até que todas as flores estejam perfeitas.

Quero viver enquanto elas crescem.

E quando outra chuva vier, porque alguma chuva virá, me ajuda a não chamar imediatamente de fim aquilo que talvez ainda seja uma parte difícil da trajetória.

Voltaremos aqui.

Ainda vamos continuar esta história.

Amém.

VOZ II • O AUTOR

O encerramento não promete que toda flor voltará. Não promete que cada problema será resolvido na forma desejada. A palavra final é cuidado, acompanhada de espera.

Isso me parece mais fiel à experiência do que uma restauração instantânea. Há ações que dependem de mim e há processos cujo tempo não controlo. Misturar essas duas regiões produz sofrimento adicional: posso me culpar por aquilo que não estava sob meu controle ou abandonar aquilo que realmente estava ao meu alcance.

A poda também é ambígua. Retirar pode parecer perda, mas em determinados contextos é parte do cuidado. Em outros, cortar pode ser precipitado. Por isso a oração não fornece uma receita universal. Ela preserva a necessidade de observar cada planta, cada situação, cada limite.

O livro começou com a diferença entre sentir, observar e perceber. Termina acrescentando outro verbo: cuidar. Percepção sem cuidado corre o risco de virar contemplação distante. Cuidado sem percepção pode agir sobre um modelo pobre. Eu quero que uma coisa alimente a outra.

E quero continuar escrevendo sem fingir que a história terminou só porque o volume termina.

VOZ III • A TCI

A TCI permite distinguir estado, trajetória e ação sob Ignorância Residual. O observador age com base em um modelo parcial, atualiza esse modelo à medida que novas propriedades se tornam acessíveis e continua sujeito a $I > 0$.

Cuidar, neste capítulo, pode ser entendido como um conjunto de intervenções orientadas pelo melhor modelo disponível, acompanhado de revisão. Esperar reconhece que nem toda dinâmica do sistema responde instantaneamente à ação do observador.

A teoria não garante recuperação. Ela também não transforma incerteza em pessimismo. Apenas preserva abertura: o futuro não está integralmente contido no modelo presente.

O jardim continua como trajetória. E o observador continua dentro dela.

Epílogo - Voltaremos aqui

Volto ao jardim alguns dias depois.

Não está como antes.

Talvez seja a primeira coisa que eu precise aceitar. Uma roseira ainda tem um espaço vazio onde o galho foi cortado. Um dos girassóis ficou inclinado. Há folhas novas em alguns lugares e, em outros, apenas terra.

Mesmo assim, quando caminho devagar, percebo pequenas coisas. Uma ponta verde apareceu perto de um caule que eu achei que não resistiria. A água do rio está mais limpa depois de carregar a terra da tempestade. A cabana continua ali. A forma do bolo está lavada sobre a pia.

Eu sorrio quando vejo a forma.

Na próxima vez vou untar melhor.

Mas talvez ainda aconteça outra coisa que eu não previ.

Isso não me assusta do mesmo jeito.

Não porque eu tenha aprendido a controlar a vida. Acho que aprendi exatamente o contrário. Eu consigo preparar, observar, cuidar e corrigir. Ainda assim, sempre haverá uma região que não está inteira dentro do meu modelo.

Caminho até a fonte. Bebo água.

Depois volto ao jardim.

Eu penso na primeira frase deste volume: meu Pai, porque um dia eu Te senti. Penso no menino que observava, no homem que passou a vida tentando entender, no pesquisador que escreveu uma teoria sobre os limites das representações e no homem que continua chorando em oração quando a teoria não consegue carregar o peso inteiro do sentimento.

Talvez todos eles estejam aqui ao mesmo tempo.

Não preciso escolher apenas um.

Olho para o jardim e percebo que a chuva também passou por ele sem apagar sua história. Há marcas do que aconteceu, mas há continuidade.

Então faço uma oração curta.

Senhor, eu Te percebo aqui.

Na água que mata a sede. Na cadeira ao lado da mesa. No bolo que não saiu perfeito. Nas flores que não cresceram em linhas. Na carta que me devolveu palavras quando meus olhos ficaram estreitos. Na poda que doeu. No tempo que eu não consigo apressar.

E, enquanto houver alguma coisa viva pedindo cuidado, eu quero continuar cuidando.

Voltaremos aqui.

Amém.

Caderno conceitual - TCI neste volume

Os conceitos abaixo distinguem definições canônicas da TCI de aplicações filosóficas e literárias desenvolvidas especificamente neste volume. As formulações exploratórias não alteram a Versão 16.0.

Sentir, observar e perceber

Neste volume, os três verbos são usados como distinções fenomenológicas e literárias. Sentir designa a experiência de ser afetado; observar, a direção da atenção e a seleção de propriedades; perceber, a formação de uma representação dotada de significado para o observador. Essas definições não são apresentadas como novos conceitos canônicos da TCI.

Compressão Observacional

Na TCI, todo processo de conhecimento produz uma representação: $M = \Phi(R)$. O modelo preserva propriedades consideradas relevantes e, por isso, possui menor dimensionalidade que a realidade: $\dim(M) < \dim(R)$.

Observador como Parte do Sistema

A Versão 16 explicita $M = \Phi(O, R)$. A linguagem, a experiência, a trajetória e os critérios do observador participam da construção do modelo. Isso é central para o modo como o livro trata memória, jardim, dor e metáfora.

Ignorância Residual

$I = R - \Phi(R)$ expressa um limite epistemológico. A região não representada não deve ser preenchida automaticamente por certeza conveniente. No livro, esse princípio impede converter imaginação em revelação e esperança em previsão.

Memória Sistêmica

A história modifica respostas futuras. Uma perturbação atual encontra um sistema já transformado por eventos anteriores. Por isso um detalhe pode produzir efeitos diferentes em momentos diferentes.

Persistência Causal

Os efeitos de um evento podem continuar depois do evento inicial. A tempestade termina antes de seus efeitos no jardim; uma palavra termina antes de seus efeitos na memória. A persistência não determina que o efeito seja permanente.

Trajetória Observacional

A TCI formaliza $T(t) = \int K(t)dt$. O estado atual não esgota a história do sistema. Isso sustenta a frase central do Volume V: não fazemos outro jardim; cuidamos do mesmo.

Identidade como Trajetória

A identidade observacional pode ser compreendida em função da trajetória acumulada. Uma fala de desespero pertence ao sujeito, mas não equivale à totalidade de sua fé; uma tempestade pertence à história do jardim, mas não apaga tudo o que o jardim foi e ainda pode ser.

Metáfora e revelação

As falas de Jesus neste volume são construções literárias e contemplativas. Não são apresentadas como audição, visão, profecia ou revelação. A TCI não possui competência para validar doutrina religiosa; a fé do autor permanece explicitamente distinta da formalização teórica.

O limite da própria TCI

A própria Versão 16 reconhece a TCI como uma Compressão Observacional e, portanto, sujeita à Ignorância Residual. Neste livro a teoria funciona como terceira voz, não como juiz final da oração.

$$\begin{array}{l|l|l} \mathbf{M} = \Phi(\mathbf{R}) & \mathbf{M} = \Phi(\mathbf{O}, \mathbf{R}) & \mathbf{I} = \mathbf{R} - \Phi(\mathbf{R}) \\ \dim(\mathbf{M}) < \dim(\mathbf{R}) & & \mathbf{T}(\mathbf{t}) = \int \mathbf{K}(\mathbf{t}) \, d\mathbf{t} \end{array}$$

Referências

- BATISTA, Nedson Moreira. Teoria da Compressão da Ignorância e da Perturbação Sistêmica: Fundamentos Epistemológicos, Formalização Matemática e Programa de Pesquisa. Versão 16.0. Monte Mor: Autor, 2026.
- BATISTA, Nedson Moreira. Deus: Como Eu Te Observo: fé, sofrimento, sentido e os limites da compreensão humana à luz da Teoria da Compressão da Ignorância e da Perturbação Sistêmica. Volume I. Monte Mor: Autor, 2026.
- BATISTA, Nedson Moreira. Deus: Como Eu Te Observo. Volume II - O Senhor Sabe: fragilidade, proteção, futuro e os limites daquilo que consigo ver. Monte Mor: Autor, 2026.
- BATISTA, Nedson Moreira. Deus: Como Eu Te Observo. Volume III - Ainda Espero em Ti: esperança adiada, calúnia, graça e a coragem de permanecer. Monte Mor: Autor, 2026.
- BATISTA, Nedson Moreira. Deus: Como Eu Te Observo. Volume IV - Ensina-me a Perceber: gemidos, presença, contemplação e a delicadeza de continuar humano. Monte Mor: Autor, 2026.
- BÍBLIA SAGRADA. Referências mobilizadas neste volume: Salmo 40; Isaías 40:31; Isaías 43:2; Isaías 53; Mateus 28:20; João 4; Romanos 8. As passagens são predominantemente parafraseadas no corpo do texto.

Sobre o autor

Nedson Moreira Batista é pesquisador independente e autor da Teoria da Compressão da Ignorância e da Perturbação Sistêmica (TCI). Sua atuação profissional e intelectual reúne regulação sanitária, auditoria, saneamento ambiental, qualidade, sistemas complexos, ciência de dados, inteligência artificial e investigação dos limites da representação.

Na coletânea Deus: Como Eu Te Observo, o autor mantém deliberadamente três planos. A oração preserva a experiência religiosa e a linguagem do instante. A reflexão retorna para observar memória, sofrimento, esperança, responsabilidade e percepção. A TCI delimita o que pode ser formalizado sem converter fé em demonstração científica.

O Volume V - Eu Te Percebo Aqui continua a imagem da montanha do volume anterior e a conduz para baixo: à fonte, à cabana, ao alimento, ao jardim e à tempestade. O livro investiga como uma pessoa pode reconhecer um rasgo sem esquecer o todo, atravessar uma perturbação sem reduzir a própria identidade ao estado de crise e continuar cuidando daquilo que ainda considera vivo.

EU TE PERCEBO AQUI

Depois de pedir a Deus que o ensinasse a perceber, o autor desce da montanha. A caminhada passa por uma fonte, uma cabana, um bolo que se quebra por um pequeno detalhe, um jardim cheio de flores diferentes, uma carta sobre esperança e uma tempestade que parece destruir tudo. O cenário é imaginado; o sentimento é real.

Neste quinto volume de Deus: Como Eu Te Observo, a oração procura compreender a diferença entre sentir, observar e perceber sem transformar a fé em prova e sem transformar a dor em explicação total. As três vozes retornam: o Pensamento preserva a oração em letra cursiva; o Autor revisita a experiência; e a TCI delimita o alcance das representações, da memória, da perturbação e da trajetória.

A tempestade não encerra o jardim. Depois dela vêm a poda, o cuidado e uma forma difícil de esperança: esperar sem abandonar aquilo que ainda pode florescer.



Nedson Moreira Batista

DEUS: COMO EU TE OBSERVO · VOLUME V